

Formação clerical visigoda: Vícios, Virtudes e *Lectio Divina* na obra *Sententiarum* de Isidoro de Sevilha

Pâmela Torres Michelette¹

Resumo: Este artigo visa compreender algumas das ideias doutrinárias e educacionais no reino visigodo pós conversão ao catolicismo niceísta, sob a perspectiva do bispo Isidoro de Sevilha². Tal prelado viveu na passagem do sexto para o sétimo século, na Hispânia, um período de mudanças, no qual se buscava a unidade religiosa, política, legal, entre outros. Assim, analisamos as perspectivas educacionais desse bispo, especialmente na obra *Sentenças*, a luz das temáticas dos vícios, virtudes e da *lectio divina*. Os episcopos foram o grupo central de destino dessa obra, pois eram os encarregados de propagar a doutrina cristã. Neste texto temos uma síntese das questões doutrinárias e morais que nortearam a formação do clero católico visigodo. Assim Isidoro, por meio de seus trabalhos elaborou uma proposta educacional direcionada para o reino visigodo, desenvolvendo uma concepção de educação voltada, principalmente, para o fortalecimento da Igreja e de seus membros, quando ele faz o enquadramento do que seriam os vícios e as virtudes, bem como a importância da *lectio divina*.

Palavras-chave: Reino Visigodo; Isidoro de Sevilha; *Lectio Divina*; Educação; Sentenças.

Abstract: This article aims to understand some of the doctrinal and educational ideas in the Visigoth kingdom after conversion to Niceist Catholicism, from the perspective of Bishop Isidore of Seville. This prelate lived in the transition from the sixth to the seventh century, in Hispania, a period of changes, in which religious, political, legal unity, among others was sought. Thus, the educational perspectives of this bishop will be analyzed, especially in the work, *Sententiarum*, in the light of the themes of vices, virtues and *lectio divina*. The Bishops were the central target group of this work, since they were responsible for spreading Christian doctrine. In this text we have a summary of the doctrinal and moral issues that guided the formation of the Visigoth Catholic clergy. In other words, Isidore through his works elaborated an educational proposal aimed at the Visigoth kingdom, developing a concept of education aimed mainly at strengthening the Church and its members, when he framed what would be the vices and virtues, as well as the importance of *lectio divina*.

Keywords: Visigothic Kingdom; Isidore of Seville; *Lectio Divina*; Education; Sentences.

Visigoth clerical formation: Vices, Virtues and *Lectio Divina* in the work *Sententiarum* by Isidore de Seville.

¹ Doutora em História, professora da Universidade Federal do Piauí – CPCE. E-mail: pamelamichelette@yahoo.com.br

² Isidoro de Sevilha (560-636). Pertenceu a uma família católica de origem bizantina ou hispano-romana. Como bispo de Sevilha, o irmão de Isidoro, Leandro de Sevilha, foi o instrumento decisivo para conseguir a renúncia oficial ao arianismo dentro do reino visigodo, proclamada no III Concílio de Toledo. Isidoro sucedeu a Leandro como bispo por volta de 600 e, durante o seu bispado, Sevilha desfrutou de preeminência como centro intelectual do reino visigodo. Ver mais, entre outros, em: LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 212-213; QUILES, Ismael S. I. *San Isidoro de Sevilla, Biografía-Escritos-Doctrina*. Madrid: Espasa – Calpe, 1965; URBEL, P. *San Isidoro de Sevilla. Su vida, su obra y su tiempo*. León: Labor, 1995.

A problemática que identificamos, está atrelada, sob a ótica do episcopado, nas relações de poder no Reino Visigodo, localizado na Península Ibérica, principalmente no que tange à educação dada aos eclesiásticos. Nesse sentido, entendemos que o ensino assumiu papel fundamental no discurso eclesiástico, regulando e indicando posicionamentos ao clero perante a sociedade. Entretanto, percebemos que a historiografia desse período colocou em segundo plano esse debate, não expondo os diversos sistemas educacionais utilizados pela Igreja visigoda em sua trajetória de fortalecimento no século VII. Portanto, um dos papéis desse artigo será o de tentar preencher uma pequena parcela desse vácuo historiográfico.

Entendemos aqui que a educação está relacionada intimamente não só com as letras, as ciências, as artes, a religião e a economia, mas também com as demais instituições sociais. Dessa maneira, buscaremos analisar como o ambiente do reino, no século VII, influenciou a construção de partes das ideias políticas e educacionais do bispo Isidoro de Sevilha, pois acreditamos que esse bispo procurou estabelecer, em alguns de seus trabalhos, bem como no exercício de suas funções episcopais, uma proposta educacional direcionada para o reino visigodo. Ou seja, desenvolveu uma concepção de educação voltada para o fortalecimento da Igreja³. Dessa forma, esse trabalho insere-se nas discussões historiográficas atreladas às questões político-religiosas do reino católico visigodo (589 a 711)⁴.

Nesse contexto, a Igreja Católica buscava a sua consolidação e, para isso, procurou se fortalecer por meio tanto da expansão do número de fiéis como da formação intelectual-religiosa de seus membros. Nas duas situações eram fundamentais, além do incentivo, a produção de textos, outras criações intelectuais, como epístolas, regras monacais, sermões, hagiografias, atas conciliares, obras moralizantes que foram resultados de análises e atuações das autoridades eclesiásticas. A análise dessas produções nos deixa claro o projeto de consolidação dessa doutrina cristã (SILVA, 2007).

³ Cabe lembrar que entendemos Igreja neste trabalho como uma instituição de características locais, apesar de seus componentes afirmarem pertencerem a um grupo maior. Cf., RAINHA, 2007, p. 28.

⁴ Em fins do século IV ocorreu a entrada dos povos germânicos nos territórios do Império Romano Ocidental. No caso dos visigodos, estes ingressaram, nas regiões imperiais, convertidos ao arianismo. Crença herética que surgiu na Igreja primitiva em virtude dos ensinamentos do sacerdote alexandrino Ario (256-336). Em face da dificuldade teológica de combinar a divindade de Cristo com a unidade de Deus na Trindade, Ario propôs a noção segundo a qual o Filho não era coeterno com o Pai. No Concílio de Niceia (325), o debate gravitou em torno da questão de saber se o Filho era “da mesma substância” que o Pai. Atanásio liderou os adeptos do ponto de vista que se tornou ortodoxo: o Pai e o Filho eram efetivamente “da mesma substância”, o que levou à condenação do arianismo. Ario foi banido para a Ilíria e morreu às vésperas de sua reconciliação com a Igreja. Seus ensinamentos, porém, continuaram sendo muito influentes quase, segundo parece, por acidente histórico. Muitas das tribos germânicas situadas além da fronteira do Império Romano foram convertidas por missionários liderados por Wulfila, um bispo ariano, e, assim, o cristianismo ariano tornou-se a característica predominante em certo número de ostrogodos na Itália (até meados do século VI), de visigodos na Hispânia (até fins do século VI) e dos vândalos no norte da África. Ver mais em: DI BERNARDINO, A. D. (Org.), 2002, p. 149-153.

Dito de outro modo, acreditamos que esse vasto material foi uma das formas utilizadas pelo episcopado no sentido de preservar e ampliar a fé cristã, bem como de interferir na reorganização do clero. Nesse sentido, Isidoro de Sevilha, por meio de alguns de seus trabalhos e de sua atuação, foi um dos principais responsáveis pela construção de uma proposta de consolidação da Igreja de credo niceísta e, de igual forma, pela solidificação e normatização dessa instância de poder.

Não podemos nos esquecer de que o bispo sevilhano viveu durante um período de transformações no qual se buscava a unidade religiosa, política, legal, administrativa e de identidade do reino. Esse ambiente teve forte influência na edificação de suas ideias. Em razão de sua força e de sua riqueza intelectual e episcopal, ele exerceu preeminência sobre o reino visigodo e seus príncipes (FONTAINE, 2002, p. 99).

Isidoro foi um escritor cristão que estava entre a tradição patrística e a Idade Média, cuja filosofia se qualificava pelo esforço de alcançar sabedoria e virtudes. O grande problema que se colocou a Isidoro de Sevilha e a seus contemporâneos foi saber qual caminho tomar depois da conversão do reino ao catolicismo niceísta. Nesse sentido, tentaremos evidenciar uma parcela do pensamento isidoriano, como os valores intelectuais, morais, políticos e religiosos, tentando esclarecer a elaboração de uma cultura, que não podemos afirmar como inovadora, mas renovada e atualizada para o momento que tanto a Igreja como o reino estavam vivenciando.

Podemos, assim, perceber a importância crucial que a religião exerceu na vida do homem medieval e no caso visigodo, não apenas na figura de Isidoro, mas de toda a sociedade que o rodeava. O cristianismo, ainda dentro da perspectiva de Bastos (2013, p. 26), constituiu-se em ideologia da classe dominante, essa afirmação fortalece mais a nossa análise do contexto educacional proposto pelo sevilhano, pois ela era voltada para uma parcela muito pequena, composta principalmente de membros da aristocracia, e para a formação eclesiástica.

Dessa forma, foco de análise será sobre a obra *Sentenças* de Isidoro de Sevilha. As *Sentenças* acrescidas da *Regula Pastoralis* do mesmo autor, e as *Morales* do papa Gregório I (590-604), expressaram ao clero hispânico do século VII o ideal positivo da santidade, aspiração que eles deveriam seguir e perseguir. A renúncia ao mundo nesse conjunto de obras foi apresentada, mesmo naqueles aspectos que propunham disciplina e mortificação, como algo sublime e amável. Metodologia bem diversa e sem caráter pedagógico foi empregada para definir as qualidades que os clérigos deveriam ter, por meio de uma via negativa de

restrições e imposições jurídicas na disciplina e nos cânones eclesiásticos (FERNÁNDEZ ALONSO, 1955, p. 130).

A obra *Sentenças* foi produzida aproximadamente em 615, portanto, escrita no reinado de Sisebuto (612-621). Entre os objetivos que o bispo sevilhano buscava alcançar com essa obra destaca-se o plano teológico-educacional. Os destinatários dessa composição seriam supostamente os clérigos da escola episcopal de Sevilha (LOZANO SEBASTIAN, 1982, p. 68). Assim, para M. C. Díaz y Díaz, “(...) Isidoro, “sentença” supõe um enunciado que combina a ciência, leia-se a perspectiva teológica e moral, com a experiência profundamente vivida em uma perspectiva de edificação” (1982, p. 135). Compreendemos as *Sentenças* (SEN)⁵, nesse sentido, como um resumo de todo o saber do campo teológico do sevilhano já que essa produção expõe de forma ordenada as “verdades da fé” e da filosofia no que diz respeito a Deus, ao homem e ao mundo.

O principal público a que essa obra se dirigiu foram os membros do clero, embora devamos considerar que as ideias dela abriram passagem para os grandes do reino. Os bispos foram o grupo central de destino desses escritos. Vale lembrar que eles eram os encarregados de propagar a verdadeira doutrina, que sintetizava questões doutrinárias e morais de grande relevância para a formação de todo pastor: “O doutor da Igreja deve brilhar tanto pela doutrina como pela vida. Porque a doutrina sem vida te faz arrogante, a vida sem doutrina torna-a inútil” (SEN III, c. 36, 1, p. 473)⁶.

O hispalense também ambicionou alcançar os setores da aristocracia laica que estavam fortemente associados com a hierarquia clerical, pois esses grupos tinham a função, no campo político, de governar o povo e, no campo religioso, de assegurar a ordem no reino terrestre. Por isso os modelos bíblicos, ou seja, os espelhos de bons governantes, foram tão utilizados por Isidoro, com destaque aos do Antigo Testamento, pois esses exemplos de boas condutas ensinavam valores, ações e virtudes que ajudariam a orientar aqueles que estivessem no poder (CASTRO, 2015, p. 259). Assim, para Isidoro,

Todo o que por sua conduta se afasta dos preceitos de Deus, quantas vezes tiver a ocasião de ler ou escutar estes mesmos preceitos divinos, ao ser repreendido em seu coração, fica confuso, pois recorda o que não praticou em seu interior e recusa o testemunho da consciência. Por isso, o profeta David suplica com estas palavras: *Então eu não ficarei confuso quando atender a todos os seus comandos*. Na verdade, fica extremamente confuso

⁵ Faremos uso da obra de forma abreviada.

⁶ *Tam doctrina quam vita clarere debet ecclesiasticus doctor. Nam doctrina sine vita arrogantem reddit, vita sine doctrina inutilem facit*: SEN III, c. 36, 1, p. 473.

quando, lendo ou escutando, considera os mandamentos de Deus, que em sua vida despreza, e seu coração o repreende como ele é instruído com a meditação dos mandamentos, porque ele não executou o que ele aprendeu pelo imperativo divino (SEN III, c. 8, 8, p. 430)⁷.

Dessa forma, ressaltamos que toda a obra foi organizada com os objetivos de ensinar e doutrinar na verdadeira fé e, por extensão, lutar contra o mal e o pecado. A Igreja, suas instituições, seus sacramentos estavam, para Isidoro, na dianteira desse combate.

Esse texto isidoriano é dividido em três livros. No primeiro predominam a síntese da fé cristã e os fundamentos da Igreja com relação à salvação pessoal; o segundo, por sua vez, abarca vários temas, entre eles, a análise do pecado, dos vícios e o processo de conversão; o terceiro, e último, traça o problema da reação do cristão perante as dificuldades de seu cotidiano, suas responsabilidades sociais e os deveres de cada situação e ofício, concluindo com considerações em torno da brevidade da vida.

M. C. Díaz y Díaz também destaca as fontes utilizadas por Isidoro na composição das SEN. Entre elas, podemos citar tanto as obras de Agostinho de Hipona (*De Trinitate, De civitate Dei, Confessiones, De Genesi ad litteram*), como a do papa Gregório I (*Regula pastoralis*) além, é claro, do livro mais lido e utilizado de toda a Idade Média, a *Bíblia*. Isidoro, em várias passagens de seus escritos, faz menção direta a trechos e ensinamentos bíblicos: “Ninguém pode conhecer o significado da Sagrada Escritura se não se familiarizar com a sua leitura, como está escrito: *Tenha em grande estima, e exaltar-te-á e, quando a tiveres abraçado, te glorificará* (SEN III, c. 9, 1, p. 430)⁸. Há também menor influência de outros autores como Ambrósio, Jerónimo, Cassiano, papa Leão I, entre outros.

A ideia central dessa obra é o pecado. O homem pode se fortalecer por meio da espiritualidade, ou seja, aproximando-se de Deus, ou enfraquecer-se, distanciando-se das virtudes, ligando-se, desse modo, ao pecado, ao materialismo e à vida mundana. Sendo assim, o pensamento de Isidoro repousa na dualidade em que o homem vivia: as virtudes e os vícios. Vício seria a concepção isidoriana para pecado. Este seria o responsável pelo distanciamento do homem de Deus, por isso o ser humano deveria incessantemente lutar contra os vícios ou pecados. Podemos explicitar alguns trechos sobre os perigos e males do pecado:

⁷ *Omnis qui a praeceptis Dei discedit opere, quoties eadem Dei praecepta legere vel audire potuerit, corde suo reprehensus confunditur, quia id quod non agit memoratur, et teste conscientia interius accusatur. Unde et David profeta deprecatur dicens: Tunc non confundar, dum respicio in omnia mandata tua. Graviter manque unusquisque confunditur, quando mandata Dei vel legendo, vel audiendo respicit, quae vivendo contemnit. Corde enim reprehenditur, dum mandatorum meditatione docetur, quia non implevit opere quod divina iussione:* SEN III, c. 8, 8, p. 430.

⁸ *Nemo potest sensum Scripturae sanctae cognoscere, nisi legendi familiaritate, sicut est scriptum: Ama illam, et axaltabit te; glorificaberis abe a, cum eam fueris amplexatus:* SEN III, c. 9, 1, p. 430.

Cometer um crime qualquer significa a morte da alma; desprezar a penitência e persistir na culpa supõe cair no inferno depois da morte. Portanto, pecar significa a morte, e perder a esperança, cair no inferno. Daí diz as Escrituras: *O ímpio, ao cair no abismo da maldade, sente desprezo* (SEN II, c. 14, 2, p. 333)⁹.

E mais:

Pecar é coisa má, mas contrair o costume de pecar é pior ainda. Do primeiro, um facilmente é refeito; do segundo, com esforço, contanto que você resista ao mau hábito (SEN II, c. 23, 5, p. 348)¹⁰.

Percebemos, assim, que Isidoro utilizou termos simples e claros para revelar os malefícios do pecado. Como dissemos acima, a ideia de vício que o bispo utiliza, nesse texto, tem o significado de pecado. E mais, para Isidoro, o homem tem maior tendência a tê-los quanto mais se afasta de Deus: “Assim, o vício nasce do vício, como a virtude surge da virtude. De um vício nasce, pois outro vício, como aconteceu a David, que, por não evitar o adultério, consumou também o homicídio”¹¹ (SEN II, c. 33, 2, p. 366).

Motivado por querer explicar o mal do mundo, o hispalense empregou alguns capítulos, no início do Livro III, para debater a questão dos castigos divinos, dos sofrimentos e das enfermidades corporais, dos contextos presentes na vida das pessoas, bem como a correção divina e as tribulações. Dessa forma, para Recaredo García, as SEN apresentam permanente oposição e antítese entre a vida presente e a futura (1980, p. 78).

Dessa forma, percebemos que as concepções isidorianas estão permeadas por uma luta constante entre o bem e o mal, entre as virtudes e os vícios. Essa característica está presente na maioria de suas obras (FELDMAN, 2005).

As virtudes nas SEN têm função dialética frente ao vício, desse modo, Isidoro a concebe como elemento de oposição e suplantação. Temos um exemplo disso no capítulo 37 do livro II: “A luta das virtudes contra os vícios”. Em determinado trecho o sevilhano expõe claramente esse antagonismo:

⁹ *Perpetrare flagitium aliquod mors animae est; contemnere paenitentiam, et permanere in culpa, descendere in infernum post mortem est. Ergo peccare ad mortem pertinet, desperare vero in infernum descendere. Unde et Scriptura ait: Impius dum in profundum malorum venerit, contemnit: SEN II, c. 14, 2, p. 333.*

¹⁰ *Nequissimum est peccare, peius est peccandi consuetudinem facere. Ab illo facile, ab hoc cum labore resurgitur, dum malae consuetudini repugnatur: SEN II, c. 23, 5, p. 348.*

¹¹ *Sic vitio vitium gignitur, sicut virtus virtute concipitur. Ex vitio enim gignitur vitium. Sicuti David qui, dum non evitat adulterium, perpetravit et homicidium: SEN II, c. 33, 2, p. 366.*

Frente ao ímpeto dos vícios tem que lutar com as virtudes contrárias; a saber: frente a luxúria tem que empregar a pureza de coração, frente ao ódio tem que preparar o amor, frente a ira propor a paciência. Assim mesmo, frente ao temor tem que fazer uso da virtude da confiança; frente a indolência, a atividade do zelo; igualmente, a tristeza tem que enfrentar o gozo; ao desânimo, a fortaleza, a avareza, a liberalidade; a soberba, a humildade. E assim, cada virtude reprime os vícios que surgem contra ela e domina os impulsos das tentações com a força da divina caridade (SEN II, c. 37, 2, p. 372-373)¹².

Percebemos que não bastava corrigir o vício, era necessário sobrepor no seu lugar uma virtude oposta. O sevilhano nessa dinâmica faz uso de alguns termos, tais como luta, combate, substituição, repressão, extinguir, dominar, apagar. A supressão dos vícios e o estabelecimento das virtudes, já que não podem coexistir juntos, eram, para o hispalense, um processo de esforço constante, mas sem se esquecer do ímpeto da graça divina que elevava até a virtude (RECAREDO GARCÍA, 1980, p. 98-99).

Ainda sobre essa temática, não podemos deixar de mencionar que Isidoro alertava sobre o comportamento inadequado daqueles que se vangloriavam e exaltavam por suas virtudes. Dois momentos trazem essa abordagem: os capítulos 34 do livro II, “O abuso das virtudes”, e 35, “As virtudes simuladas”:

Às vezes, mesmo as virtudes, mal utilizadas, geram vícios próprios. O que acontece, por causa do desordenado apetite da alma, ao qual o presente que ele mereceu não é suficiente, mas que, por meio dele, é buscado, louvor e ganâncias repreensíveis (SEN II, c. 34, 1, p. 367)¹³.

E mais:

Certos vícios oferecem a aparência da virtude e, portanto, enganam com maior prejuízo aos seus seguidores, porque estão cobertos pelo véu da virtude. Pois os vícios que de uma vez se opõem às virtudes, na medida em que estão expostos, logo são corrigidos, pois seus seguidores ficam envergonhados de tais crimes (SEN II, c. 35, 1, p. 368)¹⁴.

¹² *Adversus impetus vitiorum contrariis virtutibus est pugnandum. Contra luxuriam enim cordis est adhibenda munditia, contra odium dilectio praeparanda, contra iracundiam patientia proponenda est. Porro contra timorem fiducia adhibenda est virtus, contra torporem zeli praelium; tristitiae quoque gaudium, acidiae fortitudo, avaritiae largitas, superbiae humilitas opponenda est. Sicque singulae virtutes nascentia contra se vitia reprimunt, ac tentationum motus virtute divinae caritatis extinguunt: SEN II, c. 37, 2, p. 372-373.*

¹³ *Interdum et male usae virtutes ex se vitia gignunt: quod fit per immoderatum animi appetitum, cui non sufficit donum quod meruit, nisi inde aut laudes aut lucra damnanda quaesierit: SEN II, c. 34, 1, p. 367.*

¹⁴ *Quaedam vitia species virtutum praeferunt, ideoque perniciosius suos sectatores decipiunt, quia se sub velamine tegunt. Nam vitia, quae statim virtutibus contraria apparent, cito, dum palam venerint, emedantur, propter quod sequaces eorum de talibus criminibus erubescunt: SEN II, c. 35, 1, p. 368.*

Tais trechos nos permitem pontuar que essa produção do hispalense gravitava, principalmente, em torno do homem, ou seja, o que ele deveria crer sobre Deus, o mundo, Cristo, o Espírito Santo, as Escrituras, a Igreja, os Sacramentos, o Credo (RECAREDO GARCÍA, 1980, p. 47). Ainda, para esse autor,

(...) a espiritualidade das *Sentenças* é uma espiritualidade de pecado, de resistência em meio as lutas desta vida. Espiritualidade de abnegação e negação, de enfrentamento com o mal e suas consequências. Espiritualidade de ruptura com o mundo para viver somente para Deus. Daí, que as virtudes e tudo o que podemos chamar positivo São Isidoro não trata, mas como remédio, com uma luta frontal contra o pecado (RECAREDO GARCÍA, p. 58).

Isidoro considera o homem um microcosmo: “O mundo está composto de elementos visíveis, que por certo podem ser investigados. O homem, por outro lado, integrado por um conjunto de elementos, de certo modo, outro mundo criou”¹⁵ (SEN I, c. 8, 1, p. 238). O homem, para o hispalense, é bom por natureza, aliás, nada é mau por natureza. Todavia a queda original colocou aquele em uma situação propensa ao pecado, condição do homem sob a terra. Essa conjuntura levou a humanidade a viver em tensão com Deus e consigo mesmo, tendo que enfrentar as instigações do diabo e aguentar as tribulações da existência terrena como castigo, purificação e correção, que ao mesmo tempo converteram-se em situações de mérito (RECAREDO GARCÍA, 1980, p. 59-60).

As SEN refletem sobre a atitude do homem perante Deus, quer dizer, os meios de alcançá-lo: a graça, a conversão e as virtudes. Para isso aponta os caminhos até Deus: a oração e a *lectio divina*. Nesse percurso até o divino, o homem se depara também com dificuldades que deve superar, como os vícios e o diabo, como mencionamos acima (RECAREDO GARCÍA, 1980, p. 47).

Perante essas questões que expomos até agora, Isidoro propõe um projeto para superar as dificuldades e impedimentos e, ao mesmo tempo, colocar o homem o mais próximo de seu estado primitivo. Esse percurso para alcançar tal objetivo parte do princípio da misericórdia divina e pela sua graça, unida da colaboração humana, pois o homem pode superar o pecado. Por isso o hispalense dá grande relevância para a conversão, ação que separa e afasta a conversão do pecado. Mas essa superação do pecado por meio da conversão não é um processo pontual, mas diário (RECAREDO GARCÍA, 1980, p. 60). A penitência é outro

¹⁵ *Mundus ex rebus visibilibus, sed tamen invertigabilibus constat. Homo autem ex rerum universitate compositus, alter in brevi quodam modo creatus est mundus*: SEN I, c. 8, 1, p. 238.

caminho a ser seguido. A postura de arrependimento, de satisfação e dor dos pecados é importante dentro desse processo de espiritualidade.

Isso também foi evidenciado por Lozano Sebastian (1982, p. 183), quando ele afirma que as SEN foi uma obra voltada para a formação do clero e instrução do povo. Dessa forma, o sevilhano colocou o saber à serventia de Deus, da moral e dos valores cristãos, ou seja, sem Deus o conhecimento nada valeria. Assim, o conhecimento fora da doutrina e da fé possuía relevância negativa. Segundo Feldman, a procura por Deus inspirava todo o saber e era a origem da existência terrena para o hispalense (2003, p. 159). Em decorrência desse objetivo, Isidoro se debruçou mais sobre os vícios e os modos de combatê-los do que sobre as virtudes correlatas:

Assim mesmo, certas virtudes, quando não favorecem a discricção, se transformam em vícios. Em efeito, frequentemente a justiça, quando excede sua medida, engendra o rigor da crueldade; a excessiva piedade produz o relaxamento da disciplina; o desejo do céu, se é mais do que convêm, ele se move no vício da raiva, e a mansidão em demasia origina a lentidão da preguiça (SEN II, c. 34, 4, p. 367).

O bispo, segundo o supracitado autor, utilizou uma técnica negativista para tentar suprimir os vícios, ou seja, a cada vício apresentado, havia uma virtude para corrigi-lo. Porém, o número de vícios expostos era superior ao de virtudes (LOZANO SEBASTIAN, 1982, p. 183).

O valor da luta e antítese perante o pecado, atribuído às virtudes e que aproxima o homem de Deus, pode ser superado diante de duas ações: a oração e a *lectio divina*: “A oração nos purifica, a leitura nos instruí; ambas coisas são boas quando são possíveis; mas, se não, melhor é orar que ler” (SEN III, c. 8, 1, p. 428)¹⁶. Nas SEN aparecem as virtudes destacadas dentro da obra, tanto pelo espaço que lhes é dedicado, como por seu valor de elementos purificadores do pecado e de união com Deus, ao aproximar o convertido com o divino (RECAREDO GARCÍA, 1980, p. 61).

Sobre a *lectio divina* Isidoro dedicou sete capítulos do III livro (VIII-XIV) que se refere à leitura e análise dos ensinamentos divinos abarcados pelas Sagradas Escrituras. Ainda que para o hispalense a oração suplantasse a leitura, ou seja, a *lectio divina* integrava ambas: “Aqueles que gostam de estar sempre com Deus devem orar frequentemente e também ler.

¹⁶ *Orationibus mundamur, lectionibus instruimur; utrumque bonum, si liceat; si non liceat, melius est orare quam legere*: SEN III, c. 8, 1, p. 428).

Porque quando oramos, somos nós que falamos com Deus; Mas quando lemos, é Deus quem fala conosco”¹⁷ (SEN III, c. 8, 2, p. 428-429).

A *lectio divina*, tão abordada nas SEN, tem relação, no campo da educação, com a formação para o ensino. Para entendermos melhor essa correlação, precisamos entender o que vinha a ser a *lectio divina*. Segundo Recaredo García, é uma “locução de Deus”, que tinha como finalidade instruir os homens perante a sua divina Palavra, encontrada nas Escrituras. Diante disso o homem deve responder aos questionamentos divinos com atenção. Por isso a *lectio divina* é também uma escuta, sendo um diálogo entre Deus e o homem. A palavra ganha a conotação de alimento, aproximando as ligações de intimidade do homem com Deus (1980, p. 128):

Para os humildes e pobres de inteligência, a Sagrada Escritura parece simples em suas expressões, atendendo à narrativa histórica, mas atinge uma ressonância maior com os homens mais sábios quando descobrem seus mistérios. Desta forma, é acessível a ambos: aos simples e aos doutos (SEN I, c. 18, 4, p. 276)¹⁸.

Por isso a *lectio divina* é considerada mãe, porque ensina, instrui, ilumina a ignorância e a escuridão da alma. Mas ela também demanda dedicação, serviço, diligência perseverante, um ler “com frequência”:

O leitor diligente estará mais resolvido a por em prática o que lê para entendê-lo. É menos penoso desconhecer o que um pretende que não executar o conhecido. Porque do mesmo modo que com a leitura buscamos saber, assim devemos realizar as boas obras que aprendemos ao termos conhecimento delas (SEN III, c. 8, 6, p. 429)¹⁹.

Dessa forma, a leitura não era vista como uma recreação, muito menos uma maneira de ócio ou de permanecer na acomodação e preguiça (RECARDO GARCÍA, 1980, p. 133). A prática da leitura e sua relação com a *lectio divina*, o hispalense coloca duas metas bem estabelecidas. A primeira aborda maior inteligência das Escrituras e a segunda, confiabilidade para expressar o conhecimento adquirido. Assim, segundo Isidoro,

¹⁷ *Qui vult cum Deo semper esse, frequenter debet orare, frequenter et legere. Nam cum oramus, cum Deo ipsi loquimur; cum vero legimus, Deus nobiscum loquitur:* SEN III, c. 8, 2, p. 428-429.

¹⁸ *Scriptura sacra infirmis et sensu parvulis, secundum historiam humilis videtur in verbis, cum excellentioribus autem viris altius incedit, dum eis sua mysteria pandit, ac per hoc utrisque, manet communis, et parvulis et perfectis:* SEN I, c. 18, 3, p. 276.

¹⁹ *Lector strennus potius ad implendum quae legit, quam ad sciendum, erit promptissimus. Minor enim poena est nescire quid appetas, quam e aquae noveris son implere. Sicut enim legendo scire concupiscimus, sic sciendo recta quae didicimus implere debemus:* SEN III, c. 8, 3, p. 429.

O duplo é o propósito na leitura; o primeiro refere-se ao modo de entender as Escrituras; o segundo, para a vantagem e a dignidade com que se tornam conhecidos. Antes de tudo, você poderá entender o que lê, então você poderá comunicar o que aprendeu (SEN III, c. 8, 5, p. 429)²⁰.

Por meio da *lectio* há a instrução e o aprendizado. Ela esclarece a compreensão e estimula o amor à sabedoria. Quanto mais aplicada a leitura das palavras sagradas, maior sabedoria se terá das mesmas. Essa assiduidade na leitura das Escrituras aproxima a palavra de Deus, crescendo, assim, a capacidade de percepção (SEN III, c. 8, 1, 4, 6, p. 428-429).

Segundo Recaredo García, Isidoro considerava a *lectio* uma atenção ou escutar a Deus, mas ela também tinha como finalidade ajudar na doutrina e no ensino que era transmitido pelos doutores e pastores quando explicavam aos fiéis as Escrituras. O bispo via a pregação como a melhor maneira de trazer os textos bíblicos para aqueles que não sabiam ler e para o restante do povo simples (1980, p. 179-180). Assim, percebemos a preocupação do hispalense para instruir e formar a população, pois isso fazia parte dos deveres pastorais, era essa uma das causas a respeito das críticas aos prelados com baixo conhecimento educacional.

O ensino da Bíblia, do mesmo modo, fornecia os fundamentos dogmáticos e morais, os princípios espirituais e certa classe de ideal estético, além de se aprenderem na escola, os fundamentos da exegese que permitiam lê-la segundo o sentido histórico, o alegórico ou o moral. Não bastava ler os autores que comentaram a Bíblia, era necessário ter o contato direto com a mesma. Isidoro expõe essa posição neste trecho:

Um duplo benefício proporciona a leitura das santas Escrituras, seja porque instruí melhor o entendimento, seja porque conduz ao amor de Deus ao homem que já se afastou das vaidades do mundo. Efetivamente, muitas vezes, estimulados por seus ensinamentos, nos subtraímos ao desejo da vida mundana, e, inflamados pelo amor da sabedoria, a vã esperança em nossa condição mortal desvanece-se ainda mais quando a esperança eterna brilha por causa da leitura (SEN III, c. 8, 4, p. 429)²¹.

Ainda dentro dessas recomendações sobre os benefícios da leitura da Bíblia, “Tanto quanto se é mais assíduo na leitura das Sagradas Escrituras, ambos obtêm uma inteligência

²⁰ *Geminum est lectionis studium: primum, quomodo Scripturae intelligantur; secundum, qua utilitate vel dignitate dicantur. Erit enim antea quisque promptus ad intelligendum quae legit, sequenter idoneus ad proferendum quae didicit: SEN III, c. 8, 5, p. 429.*

²¹ *Geminum confert donum lectio sanctarum Scripturarum: sive quia intellectum mentis erudit, seu quod a mundi vanitatibus abstractum hominem ad amorem Dei perducit. Excitati enim saepe illius sermone, subtrahimur a Desiderio vitae mundanae; atque accensi in amorem sapientiae, tanto vani aspectus mortalitatis huius nobis vilescit, quanto amplius legendo spes aeterna claruerit: SEN III, c. 8, 4, p. 429.*

mais completa deles; como acontece com a terra, que quanto melhor é cultivada, mais abundante é a fruta que produz” (SEN III, c. 9, 2, p. 430-431)²².

Quando Isidoro se refere à questão da leitura das Escrituras nas SEN, ele faz uso dos seguintes termos: *Scripturae sanctae*, *Scripturae divinae*, *Scripturae*, *Scriptura sancta*, *Lex*, *Lex Dei*, *Lex divina*, *Sermo Dei*, *Sacra eloquia*, *Libri sancti*, *Praecepta Dei*, *Mandata Dei*, *Mandata*, *Secreta divinatorum mandatorum* (RECAREDO GARCÍA, 1980, p. 164-165). Assim, percebemos que houve, em diferentes momentos dessa obra, a orientação para que fosse realizada a apreciação a essa obra, além das benesses que o indivíduo dedicado a essa prática poderia conquistar.

Esse interesse de Isidoro sobre a *Bíblia* não se encerra apenas na recomendação da leitura da mesma, mas nas várias referências e citações diretas do texto bíblico, como foram apresentadas pelo levantamento realizado por J. Campos Ruiz e I. Roca Melia. Eles identificaram mais de 450 menções à *Bíblia*, a maior parte citações diretas (1971, p. 218). Podemos, dessa forma, perceber a afeição do sevilhano para com essa obra, além é claro do seu amplo domínio sobre a mesma. Esses elementos também são marcantes no restante dos escritos do bispo, não sendo uma característica particular das SEN.

Os ensinamentos do hispalense vão no sentido de exaltar as Sagradas Escrituras, colocando-as acima de qualquer outro tipo de leitura, principalmente as obras clássicas:

Alguns ficam mais satisfeitos em meditar nos julgamentos dos pagãos, por seu estilo enfático e puro, do que a Sagrada Escritura, por sua linguagem simples. Mas de que vantagem tira nas doutrinas mundanas e permanece vazia das divinas, procura ficções ultrapassadas e sente nojo dos mistérios celestes? Assim, devemos nos precaver contra tais livros e evitá-los por amor as Sagradas Escrituras (SEN III, c. 13, 2, p. 436)²³.

Ainda sobre essa questão da leitura e do ensino, no Livro III capítulo 14, Isidoro faz referência aos colóquios, a mesma prática que foi recomendada para os monges²⁴ debaterem e tirarem dúvidas a respeito de suas leituras. O abade e os mestres anciãos tinham, como detentores de conhecimento intelectual e religioso, função direta no processo de ensino. O sevilhano defendia o uso da retórica como método de ensino para seus discípulos: “Supondo

²² *Quanto quisque magis in sacris eloquiis assiduus fuerit, tanto ex eis uberiores intelligentiam capit; sicut terra, quae quanto amplius excolitur, tanto uberius fructificat*: SEN III, c. 9, 2, p. 430-431.

²³ *Quidam plus meditari delectantur gentiliū dicta propter tumentem, et ornatum sermonem, quam Scripturam sanctam propter eloquium humile. Sed quid prodest in mundanis doctrinis proficere, et inanescere in divinis; caduca sequi figmenta, et caelestia fastidire mysteria? Cavendi sunt igitur tales libri, et propter amorem sanctarum Scripturarum vitandi*: SEN III, c. 13, 2, p. 436.

²⁴ Isidoro se debruça mais sobre esse assunto na sua Regra Monacal (pp. 79-125, 1971).

que a leitura seja útil para instruir, ela fornece maior inteligência fazendo uso do colóquio, porque é melhor falar do que ler” (SEN III, c. 14, 1, p. 438)²⁵.

Mas o mau uso, ou seja, o vício, o pecado desses espaços de debate e reflexão também tornou-se preocupação do prelado, isso fica evidente neste trecho:

Como o colóquio geralmente instrui, a competição destrói. Isso, na verdade, deixando de lado o senso de verdade, gera disputas e, brigando com palavras, blasfema mesmo contra Deus. Daqui vêm heresias e cismas, com as quais a fé é distorcida, a verdade é destruída e a caridade é rasgada (SEN III, c. 14, 4, p. 439)²⁶.

Retomando ao tema das leituras, o sevilhano também ressalta a importância de outras leituras, como as obras dos autores clássicos. Contudo, essa questão sobre a cultura clássica e Isidoro, percebemos que ele, apesar das ressalvas com relação a essas obras, não proibia a leitura das mesmas, até porque ele bebeu muito nelas para a produção de seus próprios trabalhos. Porém, sempre enfatizava o cuidado ao entrar em contato com as mesmas, ou seja, seu acesso era destinado para aqueles que possuíam elevado conhecimento intelectual. Em outras obras, como a sua Regra Monacal, o sevilhano recomenda a restrição do acesso às obras clássicas para aqueles que não estivessem preparados, ou seja, àqueles que não estavam instruídos o bastante para tal contato.

Nas SEN Isidoro reconhece que a doutrina dos autores clássicos pode ser útil para a vida, mas, claro, com reservas. Apesar desse posicionamento, as Sagradas Escrituras não perdiam seu lugar e *status* de leitura obrigatória e de primeira relevância. Assim, segundo o hispalense, “Os gramáticos são preferíveis aos hereges. Os hereges oferecem aos homens, tentando persuadi-los, um gole mortal; Por outro lado, os ensinamentos dos gramáticos podem até ser úteis para a vida, se forem reservados para usos melhores” (SEN III, c. 13, 11, p. 438)²⁷.

Outro excerto que evidencia essa preocupação:

As sentenças dos gentios brilham em sua forma externa pela eloquência das palavras, mas em seu interior eles são desapaosados do conhecimento

²⁵ *Cum sit ad instruendum lectio, adhibita autem collatione maiorem intelligentia, praebet. Melius est enim confere quam legere*: SEN III, c. 14, 1, p. 438.

²⁶ *Sicut instruere solet collatio, ita contentio destruit. Haec enim, relicto sensu veritatis, lites generat, et pugnando verbis etiam in Deum blasphematur. Inde et haereses, et schismata, quibus subvertitur fides, veritas corrumpitur caritas*: SEN III, c. 14, 4, p. 439.

²⁷ *Simplicioribus litteris non est praeponendus fucus grammaticae artis. Meliores sunt enim communes litterae quia simpliciores et ad solam humilitatem legentium pertinentes, illae vero nequiores, quia ingerunt hominibus perniciosam mentis elationem*: SEN III, c. 13, 11, p. 438.

adequado à virtude; em vez disso, a linguagem sagrada aparece do lado de fora com uma expressão desgrenhada, mas no fundo brilha através da sabedoria dos mistérios. É por isso que o Apóstolo diz: *nós carregamos esse tesouro em vasos de barro* (SEN III, c. 13, 3, p. 436)²⁸.

Entre tantos pesquisadores que já abordaram a questão da influência da cultura clássica para o bispo de Sevilha, selecionamos um trecho do artigo de Ursicino Dominguez Del Val sobre esse assunto para melhor pontuar o que abordamos mais acima:

Uma série de obras do Hispalense são repertórios exegéticos e, ao mesmo tempo, livros didáticos que respondem a uma preocupação isidoriana de facilitar o clero e, conseqüentemente, seus contemporâneos, o conhecimento da Bíblia. Nesses textos, Isidoro faz uso das ciências profanas, esforçando-se para libertá-las de seu conteúdo estritamente pagão.

Pensamos que se pela prescrição isidoriana (Concílio IV de Toledo) se prescreve o estudo das Escrituras e para isso se escreve uma série de comentários, é difícil que as escolas episcopais careçam desse tipo de estudo. Sem um estudo prévio do humanismo, não apenas a Bíblia, os mesmos livros de Isidoro às vezes seriam ininteligíveis...

No mosteiro Honoraciense, pelo qual Isidoro escreve a Regra, os livros de caráter profano, os clássicos, os pagãos são catalogados junto aos religiosos...

Quando Isidoro fala sobre os perigos dos livros pagãos, tanto aqui quanto nas *Sentenças* 3, 13, ele se refere apenas a monges e pessoas despreparadas; de modo algum os monges que, inteligentes e treinados, queriam, através da cultura pagã, alcançar um conhecimento mais profundo da Escritura. Estes tiveram acesso aos livros pagãos da Biblioteca... Os gramáticos para o Metropolitano de Sevilha são livros escolares, ou se queremos as artes liberais. Para Isidoro, o importante é fazer bom uso dos clássicos. Na verdade, ele as leu e usou. (DOMINGUEZ DEL VAL, 1970, p. 17).

Dessa forma, a leitura representava para o leitor (fiel) o instrumento para se defrontar contra o pecado/vícios e, por extensão, um caminho para chegar a Deus. A leitura seria o diálogo de Deus com os homens. Mas como levar esse contato com o divino em uma sociedade de maioria analfabeta? O que fazer com um grande número de membros da hierarquia religiosa como os clérigos e monges ignorantes e mal instruídos? Essa limitação do clero era uma das principais preocupações do bispo Isidoro, por que como preladados mal formados poderiam evangelizar e ensinar o seu rebanho?

Isidoro, em virtude de acreditar que o homem nascera de uma transgressão, o pecado original, consagrava a existência de um poder terreno, que fazia parte de um plano divino, que teria, portanto, como função impedir e corrigir as conseqüências do pecado. Na concepção do

²⁸ *Gentilium dicta exterius verborum eloquentia nitent, interius vacua virtutis sapientia manent; eloquia autem sacra exterius incompta verbis apparent, intrinsecus autem mysteriorum sapientia fulgent. Unde et Apostolus: Habemus, inquit thesaurum istum in vasis fictilibus: SEN III, c. 13, 3, p. 436.*

bispo sevilhano, Deus entregou o poder aos reis com o propósito de afastar o povo do mal e conduzi-lo ao bem por meio das leis.

O pecado deve ser apontado, traçado e determinado de forma pedagógica. Os limiares do bem e do mal, do correto e do errado foram expostos pelo sevilhano, para determinar o que o convertido poderia fazer ou não. Assim, pecar era afastar-se de Deus. O pecado era o falecimento da alma e se relacionava a ir para o inferno. A recorrência no pecado era associada a um distanciamento de Deus.

Vale lembrar que Isidoro não se preocupou apenas com a formação intelectual dos doutores, dos sacerdotes e dos bispos, mas também se inquietou com o distanciamento da ignorância como uma causa do pecado. Afinal, concebia que alcançar a sabedoria seria uma estratégia de buscar Deus. Não podemos esquecer que ele também apontou outras possibilidades de alcançar a sabedoria: a integridade, libertar-se das preocupações com os negócios, o temor a Deus. Seriam esses os caminhos para se atingir Deus.

Assim, finalizamos nossa análise, em que procuramos identificar e evidenciar uma pequena parte de seus objetivos voltados para um projeto pedagógico de ensino e formação de grupos, que compunham a sociedade de seu momento presente e também futuro. Assim, as SEN expõem a questão do pecado e do vício como reflexões que deveriam ser feitas e repensadas pelos fiéis para que não caíssem nesses erros, tendo como contraponto os bons hábitos, como a leitura, a oração, a virtude, que levariam os fiéis a outro caminho, o da salvação eterna, ou seja, de aproximação com o divino.

Referências:

- BASTOS, M. J. da M. **Assim na Terra como no céu...Paganismo, cristianismo, senhores e camponeses na Alta Idade Média Ibérica (séculos IV-VIII)**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- CAMPOS RUIZ, J.; ROCA MELIA, I. Introducción a la “Regla de San Isidoro”. In: **Reglas monásticas de la España Visigoda**. Los tres libros de las “Sentencias”. Madrid: BAC, 1971. pp. 79-89.
- CASTRO, D. Modelos bíblicos para reyes visigodos: un estudio a partir de las sentencias de Isidoro de Sevilla. In: **Espacio, Tiempo y Forma**. Serie III Historia medieval, 28, 2015, pp. 255-273.
- DI BERNARDINO, A. D. (Org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidade Cristã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DOMINGUEZ DEL VAL, U. Características de la Patrística Hispana en Siglo VII. In: **La Patrologia Toledana** – Visigoda: XXVII semana española de teología. Madrid: CSIC, 1970, pp. 05-36.

- FELDMAN, S. A. A ética e a concepção religiosa de Isidoro de Sevilla: o “Livro das Sentenças”. In: **VI Encontro Internacional de Estudos Medievais**. Anais. Londrina: ABREM/UEL/UEM, 2005, pp. 255-265.
- _____. Entre Deus e o Diabo: Isidoro de Sevilha e o “livro das Sentenças”. In: **Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)**. Anais da XXIII Reunião Curitiba, 2003, pp. 157-162.
- FERNÁNDEZ ALONSO, J. **La cura pastoral en la España romanovisigoda**. Roma: Instituto Español de Estudios Eclesiásticos, 1955.
- FONTAINE, J. **Isidoro de Sevilla: Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos**. Madrid: Encuentro, 2002.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Sententiarum*. Ed. Bilingue (Latim-Espanhol) de J. de Campos e I. Roca. *Santos Españoles*. 2v. Madrid: BAC, 1971, V. 2, pp. 226-525.
- _____. *Regula Monachorum*. Ed. Bilingue (Latim-Espanhol) de J. de Campos e I. Roca. *Santos Españoles*. 2v. Madrid: BAC, 1971, V. 2, pp. 79-125.
- LOZANO SEBASTIAN, F.-J. **San Isidoro y la filosofía clásica**. Leon: Isidoriana-Editorial, 1982.
- M. C. Díaz y Díaz. Introducción general. In: ISIDORO DE SEVILLA. *Etymologiarum*. Ed. Lindsay. Traducción de J. O. Reta e M. AM. Casquero. Madrid: BAC, V. I, 1982.
- RAINHA, R. dos S. **A educação no Reino Visigodo – as relações de poder e o epistolário do bispo Bráulio de Saragoça (631-651)**. Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2007.
- RECAREDO GARCIA, B. **Espiritualidad y ‘Lectio Divina’ en las Sententias de San Isidoro de Sevilha**. Zamora: Monte Casino, 1980.
- SILVA, L. R. O discurso eclesiástico e a marginalidade: considerações sobre normas de conduta cristã nos *Synonymorum libri duo* e *Sententiarum libri* de Isidoro de Sevilha. In: **Cultura e Educação. Ética e Ação Política na Antiguidade e na Idade Média**. Vitória da Conquista: EUSB, 2007, pp. 311-321.

Recebido em: 15 de outubro de 2020.

Aprovado em: 10 de dezembro de 2021.